

O TURNO ASSIMÉTRICO EM LIBRAS

Charridy Max Fontes Pinto – IFAL
Marcos de Moraes Santos - UNIVASF

Atualmente, as línguas de sinais têm sido consideradas, pela linguística, como línguas naturais ou, pelo menos, como sistemas legítimos e não mais como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem. Diversas são as pesquisas que têm focalizado os estudos conversacionais nas línguas orais, mas ainda são restritos os que se referem à modalidade gesto-visual, reclamando um investimento científico acadêmico nessas línguas. Os estudos da conversação em línguas de sinais ainda são incipientes, no entanto tem aumentado, gradativamente nos espaços acadêmicos trabalhos que buscam descrever a complexidade da estrutura interacional em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Portanto, visando contribuir com os estudos conversacionais em língua de sinais é que a presente pesquisa tem por objetivo analisar e descrever a realização dos turnos assimétricos em LIBRAS. Considerando que a LIBRAS é uma língua natural e capaz de expressar qualquer conteúdo, possibilitando a interação entre seus usuários, é que iremos checar de que forma são feitas as contribuições para a manutenção do turno assimétrico. Para a análise dos dados, adotamos como referencial teórico os pressupostos da Análise da Conversação (AC). A dimensão metodológica será desenvolvida considerando os aspectos da abordagem descritiva, visando explicar os elementos linguísticos dispostos pela LIBRAS. Concluímos que a LIBRAS dispõe de elementos linguísticos que contribuem para a manutenção do turno assimétrico.

Palavras-Chaves: Linguística; Conversação; LIBRAS

Considerações sobre a LIBRAS

Os estudos linguísticos das línguas de sinais se iniciaram com o linguísta norte-americano William Stokoe (1960). Considerado o pai da linguística das línguas de sinais, ele apresentou uma análise descritiva da American Sign Language (ASL), Língua de Sinais Americana, usada nos Estados Unidos e no Canadá. Até então, os estudos linguísticos se concentravam nas línguas orais. Pela primeira vez na história da linguística, um estudioso da língua mostra uma análise no nível fonológico e morfológico de uma língua de sinais que passou a ter o status de língua.

As línguas de sinais são línguas naturais. Elas possuem sua própria gramática e são de modalidade visual-espacial. Cada país possui a sua língua de sinais, mas há casos em que alguns países compartilham não só a mesma língua de sinais como também a mesma língua oral, como é o caso dos Estados Unidos e Canadá que compartilham o inglês como língua oral e a ASL (American Sign Language) como língua de sinais. Diferentemente do Brasil e de Portugal que compartilham a mesma língua oral, o português, mas possuem línguas de sinais diferentes. No Brasil, temos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e, em Portugal, temos a

Língua Gestual Portuguesa (LGP). Assim como há a Língua Brasileira de Sinais, há também a Língua de Sinais Espanhola, a Língua de Sinais Francesa, Sueca, Britânica, Chinesa, Japonesa entre outras.

Algumas pessoas pensam que as línguas de sinais são um conjunto de pantomimas, ou mímicas, ou uma forma de gestos das línguas faladas. Acerca desses equívocos Quadros e Karnopp (2004, p. 31) dizem que “pesquisas realizadas em diversos países procuram descrever, analisar e demonstrar o status linguístico das línguas de sinais, desmistificando concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua (...)”.

As línguas de sinais produzem o sinal. Nessa produção estão envolvidos três aspectos ou parâmetros que são a configuração de mão, a locação e o movimento. A combinação desses três parâmetros gera o sinal. Produzidos isoladamente, esses parâmetros não carregam significado.

Quadros e Karnopp (2004) fazem um levantamento no nível fonológico desses parâmetros. Para as autoras, esses parâmetros possuem inventários² que a depender da forma que são produzidos, podem alterar o significado do sinal.

A Configuração de Mão (CM), considerado o articulador primário, possui 46 configurações em LIBRAS. Esse número pode variar de uma língua para outra. “As configurações de mão (...) referem-se apenas às manifestações de superfície, isto é, no nível fonológico” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 53). A CM é responsável por dar forma à mão.

O Movimento (M) é realizado na área em frente ao corpo e pode ser de diferentes formas: inclinado, para frente, para trás, para cima, para baixo, ondulado, repetitivo. Para essas autoras, citando Klima e Bellugi (1979), “o movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos dos pulsos e os movimentos direcionais no espaço”. O movimento é altamente produtivo e complexo, chegando a distinguir nomes de verbos (QUADROS & KARNOPP, citando SUPALLA e NEWPORT, 1978).

Considerado um dos três parâmetros formador do sinal, a Locação ou Ponto de Articulação (PA) é um parâmetro de grande produtividade, tendo seu uso altamente recorrente na sintaxe e no discurso. Na produção do sinal, o PA é o local onde o sinal está sendo produzindo. Ainda que esse sinal tenha um movimento de direção, o PA principal é o local de partida do sinal. Quando o PA é em alguma parte do corpo, dizemos como local essa parte do corpo na qual o sinal está alocado e quando o PA é no espaço a frente do corpo, dizemos que o PA é no espaço neutro. Para a sintaxe ou discurso, os PA são locais definidos pelo

sinalizante em qualquer área a frente do corpo e ao alcance das mãos num perímetro de 180°. Vale ressaltar que dentro dessa área, os PA são limitados.

No ato comunicativo, o falante ainda dispõe de mais dois parâmetros: a orientação da mão e as expressões não-manuais. A Orientação da Mão é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 59). Quadros & Karnopp, citado por Ferreira-Brito (1995), elencam seis orientações de mão: na vertical, para cima e para baixo; na horizontal, para dentro e para fora e para os lados, contralateral e ipsilateral.

As Expressões Não-Manuais (ENM), que se dividem em expressões corporais e expressões faciais, são parâmetros que tem uma função dual: servem para construções sintáticas e para distinguir itens lexicais. As expressões não-manuais envolvem movimentos de cabeça, de rosto, de rosto e cabeça e de tronco. Ainda sobre as expressões faciais, estas podem ser subdivididas em expressões faciais afetivas e gramaticais. A primeira marca as emoções e sensações, e a segunda os aspectos sintáticos-discursivos. Vale salientar que esses parâmetros foram inseridos pelos seguidores de Stokoe.

Dessa forma, a LIBRAS possui cinco parâmetros. Tais parâmetros desempenham importantes funções para a sinalização do falante e para a produção do sinal. E o que é o sinal?

O que chamamos de sinal corresponde às palavras das línguas orais. O sinal, que é um signo linguístico, é altamente icônico. A iconicidade é a representação direta da realidade pelos signos.

A respeito dos parâmetros nas línguas de sinais, eles são produzidos simultaneamente, dando as LS o caráter alinear, diferentemente das línguas orais que são lineares. Um usuário da LIBRAS, por exemplo, pode produzir dois ou três sinais ao mesmo tempo, enquanto que um falante de língua oral não consegue pronunciar duas palavras simultaneamente.

A partir da produção em cadeia de uma sequência de sinais, podemos descrever tais produções nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, e tantas outras análises linguísticas disponíveis.

Breves considerações sobre a Análise da Conversação

Os estudos conversacionais se iniciaram no Brasil na década de 80 com a publicação do livro *Análise da Conversação (AC)* de autoria do professor Luiz Antônio Marcushi na qual

ele faz uma descrição das estruturas da conversação e seus organizadores. Comunicar-se é uma ação primordial do ser humano já que o isolamento é insuportável na vida de uma pessoa. “A conversação é a primeira das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (MARCUSHI, 1986, p. 14). O autor ainda coloca que é de pouco conhecimento dos falantes a natureza da língua que ele fala, sua estruturação, seu funcionamento e mais ainda, sobre os processos conversacionais. É no estudo da conversação a compreensão dessa prática social mais comum para as pessoas que vivem em sociedade e que utilizam um código linguístico para tal. Conhecer como a língua estrutura à conversação em situações naturais de interação é um dos objetivos da AC.

A Teoria da Conversação

A conversação surge da necessidade das pessoas tratarem de diversos assuntos como casa, estudo, trabalho dentre muitos outros. Durante a interação, os integrantes se alternam entre falantes e ouvintes, cada um dando a sua contribuição ou não para que o assunto tratado seja desenvolvido. Em termos conversacionais, o “assunto” da conversa é chamado de *tópico conversacional*. “O tópico é aquilo acerca de que se está falando” (GALEMBERG, 1999, p.55).

À medida que o tópico vai progredindo, os participantes da conversa vão se revezando em suas inserções, cooperando para o desenrolar do tópico. Essas participações individuais são chamadas de *turno discursivo* ou *turno conversacional*. Galemborg (1999, p. 60) conceitua o turno como “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão”. Marcushi (1986, p. 89) define como “a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio.”

Já que os interlocutores podem ou não colaborar para o avanço do tópico, isso nos leva a pensar que o turno poderá ter características diferentes. E tem. Conforme as pessoas vão fornecendo conteúdos para alimentar do tópico, temos o turno simétrico. Do contrário, quando apenas uma pessoa contribui para o desenvolvimento do tópico, temos o turno assimétrico. É interessante destacar que numa mesma conversação, ambos os turnos podem colaborar no conjunto da interação. Neste trabalho, iremos focar o turno assimétrico e como ele se apresenta em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Sendo a LIBRAS uma língua natural com estrutura gramatical própria e complexa, é possível pensar que ela deva lançar mão de recursos lexicais para introduzir os turnos assimétricos. Resta-nos saber quais são.

O Turno Assimétrico em LIBRAS

O turno assimétrico é aquele no qual o interlocutor, de posse da fala, intervém de forma superficial, inserindo contribuições secundárias as quais não trazem conteúdo referencial. Poderíamos então, considerar que a participação assimétrica na interação se constitui como *turnos inseridos*. Conforme reforça Galembeck (2010, p. 72) o turno inserido,

não tem um caráter referencial, ou seja, não desenvolve o tópico (assunto) da conversação. A função principal dos turnos dessa modalidade é a transmissão de conteúdos informativos, mas a indicação de que um dos interlocutores monitora (isto é, acompanha, monitora, vigia, fiscaliza) as palavras do seu parceiro conversacional [...].

Assim, os turnos inseridos são compostos por turnos assimétricos. Durante o turno assimétrico, é comum o uso de alguns marcadores conversacionais como *certo, umrhum, ahn*. É interessante destacar, que os turnos assimétricos podem ser constituídos por elementos verbais ou não-verbais, ou para aproximar da língua observada, por sinais¹ ou expressões faciais².

Análise dos Dados

A pesquisa teve como *corpus* o diálogo de 5(cinco) surdas as quais mantém uma interação informal via videochamada. A análise consiste num recorte de 57 minutos cuja finalidade é observar qual sinal, em LIBRAS, as surdas se utilizam para a configuração do turno assimétrico. Por questões práticas, iremos traduzir a conversa para o português haja vista que, se fôssemos utilizar de imagens haveria um inchaço de laudas. Também não seria possível recorrermos ao sistema de escrita de língua de sinais conhecido por SignWriting³ (SW), pois pouquíssimas pessoas têm acesso e compreensão dele. No entanto, iremos trazer para LIBRAS, em imagens, apenas os itens que caracterizam o turno assimétrico. Todas as informantes são fluentes em LIBRAS e altamente participativas na comunidade surda.

O Corpus

¹ O sinal corresponde ao que chamamos de palavra. Na produção dos sinais estão envolvidos três parâmetros: a configuração de mão, o movimento e a locação. (cf. QUADROS. Ronice Muller de. KARNOPP. Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

² As expressões faciais são parâmetros usados para a marcação de construções sintáticas. (IBIDEN)

³ Para maiores informações acessar <http://www.signwriting.org/>

L2 Claro que não, não estou em Maceió. Como saberei quando irei para a ASAL?

L5 Melhor pessoalmente

L3 Conversa com o Bruno pessoalmente... é melhor [[mesmo

L2 [[Bruno não me respondeu ainda

L2 [[estava falando com ele... mas ele foi para outro grupo. Reclamei com ele e disse tudo bem.

L3 Falou o que? Melhor falar por videoconferência, por mensagem é ruim.

L1 unhrum

Como pudemos observar, L2, L5 e L3 mantêm o desenvolver do turno na qual discutem sobre uma conversa que uma delas teve com Bruno ao ponto que L3 sugere que a conversa com ele seja por videoconferência. Após esse trecho, L1 intervém com um “unhrum” (entre 44min23s e 44min27s)⁴ com o objetivo de indicar que está acompanhando a conversa. É interessante colocar que esse elemento linguístico em LIBRAS foi posto na conversação por meio de uma configuração de mão, acompanhada por uma expressão facial dilatada, conforme ilustração abaixo:



Em um outro momento, pudemos registrar a presença de mais um turno assimétrico, apresentado por um sinal, concordando com a ideia daquele que está com o turno (entre 49min30s e 49min47s)

L1 Vou fazer bem gostoso

L2 Muito doce não

L1 Não... eu faço e cada um coloca o seu

⁴ Por se tratar de uma língua visual, adotamos o tempo da conversa pois fica mais fácil de identificar as expressões faciais.

L3 tá certo

L2 unhrum

O que nos chama a atenção, nesse segundo momento, é que tanto L3 quanto L2 recorrem ao mesmo sinal. No entanto, as expressões faciais de L3 e L2 são diferentes, o que nos permite traduzir ambas as contribuições como “tá certo” e “unhrum”. Para “ta certo”, L3 produz uma expressão facial suave e L2 uma expressão facial dilatada com movimento discreto do tronco. Observe:



“Tá certo”



“unhrum”

Logo em seguida (entre 53min50s e 54min12s), notamos que três informantes se inserem no turno assimétrico: uma com um sinal e duas com expressões faciais. Todas, mais uma vez, concordando com aquela que está de posse do turno.

L2 Melhor colocar tudo numa agenda... Max me deu uma agenda nova de 2016... ai a gente elenca a pauta para a próxima reunião quarta-feira por vídeo chamada... certo?

L1 ((faz o gesto do número um))

L3

[[((aceno de cabeça))

L4

[[((aceno de cabeça))

L5

[[((aceno de cabeça))



(Sinal para o número um, interpretado como “ok”)

Por fim, em outro segmento (entre 1h03min12s e 1h03min46s), L2 comunica para as demais participantes, que uma amiga viajou. Após expor a situação, L3 usa o sinal de legal para indicar que está compartilhando da fala de L2.

L2 Ela vai viajar para o Rio e só volta no dia 13 de dezembro... putz... vai ficar lá por uma semana... vai na terça e volta num sábado

L3 legal



“Legal”

Considerações Finais

No presente trabalho descrevemos as estratégias e os mecanismos utilizados por um falante surdo, fluente em libras, utiliza para construir um turno assimétrico. A posse do turno é alternada pelos diferentes interlocutores os quais contribuem na mesma proporção para a construção de turnos inseridos.

Percebemos também que a LIBRAS – língua de modalidade gesto-visual - diferente das línguas orais, é uma língua que possui mecanismos, senão os mesmos mecanismos, para a construção dos turnos inseridos numa conversação. Diante disso, seus falantes lançam mão de sinais ou expressões faciais visando comunicar ao seu interlocutor de que está participando da interação.

Assim, os elementos que compõem o processo conversacional são compartilhados pelas diferentes línguas constituindo uma estrutura padrão passiva de ser analisada na LIBRAS, língua essa capaz de ser analisada em qualquer nível linguístico.

Referência Bibliográfica

GALEMBECK, Paulo de Tarso. *O turno conversacional*. In: PRETI, Dino. *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: Humanitas, 2010.

GALEMBECK. P. ET AL. O turno conversacional. In: PRETI, D.; URBANO, H. *A linguagem falada culta d cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, V. IV, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986